

TREVISAN, Dalton Jerson. *Violetas e pavões*. Rio de Janeiro: Record, 2009. 127 p.

Dalton Jerson Trevisan é um contista brasileiro contemporâneo nascido em 1925. Sua literatura retrata essencialmente as pessoas que habitam a capital do Paraná, terra natal do autor. Formado em Direito, liderou diversos grupos literários. Em 2003, ganhou o 1º Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira – com o livro *Pico da veia*, e, em 2007, ficou em segundo lugar, do mesmo concurso, com *Macho não ganha flor*. Também conhecido como o Vampiro de Curitiba, escreveu entre outros, *Cemitério dos elefantes*, ganhador do Prêmio Jabuti e Fernando Chinagila, da União Brasileira dos escritores.

Violetas e pavões foi publicado em 2009. Nele, o autor, fazendo uso de uma linguagem satírica e com intenso erotismo, apresenta a degradação do cotidiano periférico de Curitiba, em sua dimensão agressiva, desigual e desumana. Metaforiza-se a realidade social em 22 contos diversificados, afigurando-se o fracasso da classe média, com seus jovens envolvimento no mundo do tráfico, através de histórias de ladrões, maníacos, estupradores, abordando a carência de políticas sérias e a corrupção da polícia.

O dia-a-dia na grande capital aparece marcado pelo narcotráfico. O caos urbano se impõe por meio dos mais variados sentidos: assaltos testemunhados, tiros sofridos, mortos reconhecidos, maus tratos nos hospitais públicos, enfim, o sujeito presente em *Violetas e pavões* busca melhores condições de vida, enquanto segue abandonado pelo poder público e pela elite, sofrendo as conseqüências diárias de uma cidade armada para guerra.

A narrativa perpassa todos os tipos de carências imagináveis apontando a droga como um negócio e como fuga, passando por acertos de contas seguidos de morte, famílias espedaçadas, pais ausentes, mãe que abandona o filho e vai embora com outro, adolescente apaixonada e iludida por velhos espertalhões, a mulher que o marido nunca a ouve, pedofilia, entre outros.

A forma de escrita subordina-se ao regime visual da contemporaneidade, apresentando um transbordamento do real para o texto literário, como se houvesse nessa tendência atual um “excesso do real” a ocupar o “espaço da ficção”. Toda ela voltada para os conflitos impostos por um cotidiano feito de exclusão e brutalidade.

Encontram-se três eixos temáticos que compõe especificamente o conjunto de histórias da narrativa: um deles é composto por cartas de amor; no outro, apresenta-se confrontos, acertos e silenciamentos entre indivíduos periféricos diante da polícia; já o

terceiro eixo diz respeito a depoimentos e relatos, apresentando as leis que regem a sobrevivência na vida perigosa, numa divisão de grupos rivais que guerreiam pela disputa de um mesmo espaço de negociação.

A literatura deste cronista exprime um mundo desdobrado em sua versão cruel, para nos aproximar do real mesmo, do seu lado mordaz. Trevisan evidencia o silêncio entre uma palavra e outra, provocando angústias. O que dizer, por exemplo, diante da violência sexual infantil; mulheres que para sustentar os filhos se prostituem e vendem pó e pedra; ou de uma mãe que perdeu seu filho? O autor coloca o leitor cara a cara com a fatalidade, exigindo dele a obrigatória reflexão: o que fazer quando se está diante de vidas desperdiçadas pelo mundo do crime? Fácil é virar lixo, difícil é se reciclar.

Estamos vivendo uma fase de perdas, de forma que estão se extinguindo normas válidas, valores por se preservar, as virtudes vão desaparecendo, de um lado, as pessoas agem como instrumentos, enquanto do outro, se adaptam a papéis e exigências externas. Necessitamos urgentemente de educação e políticas mais eficazes e específicas para os excluídos. Se a sociedade do capital não se mobiliza para que haja alguma mudança ou melhora efetiva nas condições de vida, o número de traficantes tende a se multiplicar, sendo este marginal uma úlcera que, se não corrói por completo, ao menos dá trabalho, incomoda a vida social.

O autor utiliza-se da abordagem hermenêutica, por ocupar papel central no campo das metodologias interpretativas e pela estreita aproximação com as ciências sociais, especialmente com a sociologia compreensiva. O autor é em suma realista, por retratar a vida como ela é, descrevendo tão rigorosa e autenticamente quanto possível aquilo que observa e capta através dos sentidos. A distopia empregada é seu gênero crítico por excelência. Registrando-se de forma muito coerente, as abordagens são escritas com referências, problemas e características do próprio mundo atual.

Enfim, é uma obra que desperta especial interesse de todos os leitores que exercitam um olhar atento ao comportamento humano e suas relações sociais. Leitura obrigatória aos estudantes de Ensino Médio, Graduação, Pós-graduação e pesquisadores de todas as ciências humanas, pois trata de assuntos que envolvem as carências de toda espécie, provocando uma reflexão mais apurada sobre o contexto em que estamos inseridos.

Solange Barrozzo Debortoli

Aluna do curso de Mestrado em Letras da URI – FW

281

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 6, p. 280-281, jan.-jul., 2010. Recebido em 27 mai.; aceito em 17 jun. 2010.